



# Da Dificuldade de Saltar quando um Espelho está pela Frente<sup>1</sup>

The Difficulty of Jumping When a Mirror's Up Front

*Jorge Barreto Xavier*

ISCTE-IUL

jmbxr@iscte-iul.pt

## RESUMO

Neste pequeno ensaio, procura-se refletir sobre o efeito da reflexão estática que os ecrãs tecnológicos na sociedade contemporânea colocam nos indivíduos, nomeadamente, nos mais jovens, e no paradoxo visão narcísica/opportunidade de liberdade que pode colocar-se e, a partir daqui, defender-se a importância da educação artística como elemento de exercício da liberdade, a partir da possibilidade da folha (tela, ecrã) em branco – a educação artística como elemento construtor de democracia e de cidadania.

Palavras-chave: Narcisismo; Liberdade; Artes; Democracia

## ABSTRACT

In this short essay, I seek to reflect on the effect of the static reflection that screens in contemporary society place on individuals, namely, on the youngest, and on the paradoxical narcissistic vision / opportunity for freedom that can be placed and, from here on, to defend the importance of artistic education as an element of exercising freedom, based on the possibility of a blank sheet (canvas, screen) – artistic education as an element that builds democracy and citizenship.

Keywords: Narcissism; Freedom; Arts; Democracy

<sup>1</sup> Conferência de Abertura do X Congresso de Educação Artística, Funchal, 4 de Setembro de 2019.

Dar um salto é o que mais nos aproxima do voar.

Não é como as linhas elegantes que no ar se traçam quando os falcões dançam sobre a planície, claro. Nem o voo organizado das andorinhas ou o mergulho a pique das gaivotas.

Se o voo das aves nos suscita a maior das admirações, tal não diminui as capacidades que são as nossas.

Saltar. Juntar as pernas, os pés, elevar-se e projetar o corpo para a frente, numa pequena libertação da gravidade. Correr desalmadamente, em passos largos e de repente, libertar toda a energia num impulso – um salto impulsivo. Um salto é um percurso na distância, uma ponte entre dois lugares, um arco íris do qual não se vê a cor mas que transporta consigo toda a energia do universo.

É que cada ser, nas suas ínfimas partículas, é composto da matéria primordial de que se fazem todos os corpos, desde as estrelas às borboletas.

Há saltos no mar, na terra e até no éter que cobre o espaço entre os planetas. Aí se pode reparar nos corpos celestes a saltar de rotação em rotação.

Entre aqueles que não são humanos, há peixes e mamíferos, por exemplo, que desenham arcos entre as ondas, rompendo a linha que separa, que liga, a água e o ar. Desde o salto inicial de um peixe voador começando o seu voo planado até àquela imponente erupção, a de uma baleia azul subindo no ar do Atlântico Norte.

Do curto salto de um verde gafanhoto até ao arqueado selvagem de um malhado jaguar.

Ou do meteorito que se liberta do pó das estrelas até ao impulso de um cometa, viajando de

sistema solar em sistema solar.

Mas o salto de um ser humano?

É diferente, das baleias, dos cometas, dos jagueiros. Sendo que somos muito mais próximos, na nossa natureza, dos animais, das plantas e dos corpos celestes do que aquilo que medimos, e que é mais o que nos une que o que nos separa, não sei se os gafanhotos se observam uns aos outros a saltar; ou se as estrelas suspeitam que das suas poeiras se libertam trajetórias plurais; e não adivinho o que se passa no coração dos cetáceos ou nas garras dos felinos.

Mas sei que nós, seres humanos, nos observamos. Observamo-nos dentro do nós, vigilantes do nosso próprio olhar. Observamos os outros e quando isso acontece, o que observamos? Realmente, o que vemos dentro de nós, o que vemos dos outros?

O que sabemos de nós, o que sabemos dos outros? O que sentimos de nós, o que sentimos dos outros? O que queremos de nós, o que queremos dos outros? O que sonhamos de nós, o que sonhamos dos outros? Como sabemos quem somos e quem são os outros? O que nos distingue? O que nos une? Quem nos distingue? Quem nos une? Onde estão as fronteiras, onde e quando nos fundimos como os átomos ou os corpos apaixonados?

Depois das respostas, chegam novas perguntas. E assim é, de forma incessante. Para alguns, este jogo que nos pertence desde crianças, trata-se de uma linha reta até ao infinito, para outros, de um círculo em que retornamos ao ponto inicial – eternamente – e há os que acham que entre perguntas e respostas estamos numa espiral maior que a Via Láctea.

Mas a geometria das perguntas e das respostas importa menos do que saber se, a observação que nos pertence, nos inicia, nos define, coloca perguntas e respostas frente ao espelho ou no impulso do salto.

Conta-nos Ovídio sobre Narciso, no seu magnífico poema narrativo *Metamorfoses*, que este, depois de escarnecer daqueles e daquelas que o desejavam, foi sujeito à seguinte sorte: “Que lhe seja concedido amar e nunca possuir o ser que ama”.

Mais à frente, o texto latino descreve uma cena, em que encontramos o efebo e descortinamos o seu destino:

Havia uma fonte límpida, argêntea de reluzentes remoinhos, que nem pastores nem cabritas pastando no monte, ou outro gado, tinham alguma vez tocado, que jamais pássaro algum tinha turvado, ou animal bravo ou ramo caído de árvore. A toda a volta brotava erva, que a água vizinha alimentava, e um bosque que jamais deixaria o local aquecer com o sol. Ali se estendeu o rapaz, exausto do ardor da caça e do calor, seduzido tanto pela beleza do local como pela nascente.

Enquanto procura acalmar a sede, uma outra sede cresce. E enquanto bebe, arrebatado a imagem da figura que vê. Ama uma esperança sem corpo; julga ser corpo o que é água. Extasiado consigo mesmo, fica imóvel, incapaz de se mexer, o olhar fixo, qual estátua esculpida em mármore de Paros. (...). Sem saber, deseja-se a si próprio, e o elogiado é quem elogia, e ao desejar é o desejado (...).<sup>2</sup>

A história conclui-se com Narciso a transformar-se num lírio, belo e estático, à beira da nascente, mas dela não recolhendo mais que o seu reflexo e a sua sombra.

Cada um, cada uma de nós, temos escrito no peito o desenho do lírio. Este desenho, que nos

marca desde a primeira infância<sup>3</sup>, parece que sofre, agora, no tempo que vivemos, uma reiteração na idade adulta.

O que distingue o tempo que é o nosso, este lugar a que chamamos contemporâneo, é a multiplicação narcísica em todas as gerações – o estado circular de identificação do Eu com o seu espelho, reforçado sistemicamente por cada re-visitação.

Este estado circular não se restringe à fixação na nossa corporalidade, na idealização do Belo no espelho, na erotização do Eu especular. É agora um estado que integra o dispositivo cultural, a representação dos outros e do mundo.

Se, no quadro do crescimento da criança, depois de um período narcísico, se espera uma construção do eu na relação com os outros, criando um estatuto de hetero-referenciação, correspondente a um alargamento do campo identitário e a uma composição mais complexa do Eu, seja em termos afetivos seja em termos de inteligibilidade, o que se nos depara na sociedade contemporânea é um regresso ao eu narcísico, ampliado, multiplicado, como se a criança não crescesse ou o adulto se infantilizasse.

Ao utilizar a expressão “não crescimento da criança” e “infantilização do adulto”, faço a salvaguarda de que não creio que se possa definir o tempo do ser humano de forma simplista. Ou seja, dizer que somos uns entre os zero e quatro anos, outros entre os cinco e os dez e por aí fora. Dizer que cada um destes momentos é uma etapa para um progresso, que desabrocha na idade

<sup>3</sup> Lacan, Jacques (1949). *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique*, comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de Julho de 1949. Disponível em: <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycho/psysem/miroir.htm>.

2 Ovídio (2007). *Metamorfoses*, Livro III, 405-425. Livros Cotovia.

adulta e que fenece na velhice.

Claro que se pode distinguir, seja pela psicologia, seja por outras aproximações científicas, diferentes características comportamentais ou capacidades sensoriais e intelectivas em diversos pontos do crescimento de um ser humano. Mas se por um lado me parece redutor infantilizar a criança ou glorificar o adulto, ou fazer a glorificação da criança e a infantilização do adulto, por outro lado, sem que nos fixemos de forma unilateral nesta ou em outras matérias, é possível utilizar o valor polissémico das palavras, para dizer que o conceito de narcisismo que a psicologia e a psicanálise fixam em certas idades infantis, pode ser útil para visitar o comportamento das várias gerações na atualidade.

Não há muito tempo, estava numa esplanada com uma amiga, gozando o sol, perto do mar. Uma senhora, na casa dos setenta anos, aproximou-se de nós e disse-me: “Conheço-o da televisão! Venho dizer-lhe que gosto muito do que disse ontem! Disse o que eu digo!”

O que esta senhora quis partilhar comigo – chamemos-lhe, Dona Elvira – foi... zero. O que a Dona Elvira quis receber de mim foi... zero.

A Dona Elvira só se interessou por mim, só se entusiasmou com o que eu disse por uma razão – era tal e qual ela. A Dona Elvira viu-se ao espelho e gostou do que viu. Relembrando o texto de Ovídio, agora aplicado à D. Elvira: “Extasiada consigo mesma, fica imóvel, incapaz de se mexer, o olhar fixo, qual estátua esculpida em mármore de Paros. (...) Sem saber, deseja-se a si própria, e a elogiada é quem elogia, e ao desejar é a desejada (...)”.

É a preeminência deste reforço narcísico que

contamina todas as gerações do ecrã<sup>4</sup>. Pais, filhos e avós, em torno de computadores portáteis e de mesa, *tablets*, televisões, *smartphones* e por aí fora.

Vivemos nestes espelhos digitais em que nos olhamos e nos revisitamos a cada momento, limitando os movimentos, a fisicalidade que nos é conatural. Parte importante do tempo especular no ecrã não serve para viajar, para desbravar novos territórios, conhecer novos mundos. A maior parte do tempo especular serve, para muitas pessoas, para reforçar as ideias que têm, os sentimentos que estão enraizados, as convicções que as dominam. A escala coletiva das redes digitais consolida o espelho individual, através de *likes*, em que ter uma virose ou ser viral passou a ser coisa boa.

Ao mesmo tempo que gosto do mesmo que eu gosto, e que se produzem cascatas de *likes*, espontâneos ou fabricados por encomenda, unidades financeiras, industriais e comerciais, escrutinam ao milímetro os nossos espelhos, os nossos comportamentos, as nossas falas, as nossas escritas. Poderes políticos e económicos vigiam as nossas tendências, as nossas preferências.

E com uma facilidade quase espantosa, sejam dados agentes do mercado capitalista global sejam dadas unidades de poder político, nos seus vários níveis, estabelecem mensagens que reforçam o espelho do Eu, consolidando o Narciso.

Mas há um aspeto a destacar neste processo de gestão do poder dos que se movem no domínio da manipulação: estas dinâmicas de consolidação do Eu introduzem no Narciso, de forma subliminar,

4 Xavier, Jorge Barreto (2016). “O eu nas redes digitais” em *A Cultura na vida de todos os dias*. Porto: Porto Editora.

os interesses destes Outros manipuladores.

Nestas dinâmicas mediáticas, muitos de nós, estatuídos, de forma redutora, como consumidores e não já como cidadãos, somos colocados no lugar do lírio à beira da nascente.

Somos nutridos pela boa terra e pela água cristalina. Mas, apesar da riqueza dos alimentos, enquanto só vemos, estáticos, a nossa sombra, o nosso reflexo, há quem se mova, nem sempre pelas boas razões.

O reducionismo narcísico ao qual se remetem tantos de nós, e ao qual nos remetem tantos poderes, é parte da multiplicação narcísica.

Somos muitos, confinados na redoma identitária do Eu auto-centrado. Ficamos muitos, limitados nesta redoma.

Este reducionismo interessa a todas as formas de manipulação comportamental, a todos os poderes que querem sobrepor-se à liberdade e ao livre arbítrio, ao pluralismo e à autonomia dos indivíduos e dos grupos, sejam estes poderes de Esquerda, de Direita ou do Centro. Sejam económicos, políticos, sociais ou culturais.

É por isso que é preciso escolher, entre a posição imobilista e o movimento, ter a coragem de renunciar à paralisia, para erguer os músculos e saltar.

Claro que é muito difícil saltar quando temos um espelho narcísico pela frente. Como dar o salto? Partindo o espelho? Contornando-o? Por baixo? Por cima?

O problema do salto face ao espelho é físico na sua exterioridade mas esta exterioridade pertence a um sistema, dotado de interioridade.

O problema que se coloca na possibilidade do salto é, de forma sistémica, a vontade de saltar.

A coragem de saltar.

A diferença essencial entre o ser humano imóvel e o ser humano em movimento é o estatuto da vontade.

Ora a vontade tem muitas manifestações. Há aquelas que são primárias, como a reação à fome, ao frio, à chuva. Outras manifestações da vontade são mais complexas: voto no partido A ou no partido B? Gasto dinheiro no bilhete de um concerto ou a comprar cigarros? Vou estudar Química ou Literatura?

A vontade coloca-se, amiúde, face a face com a inércia.

É mais fácil estar no sofá a apreciar uma telenovela, no telemóvel a ver vídeos de entretenimento, do que erguer os olhos e olhar à volta.

A vontade está sempre colocada perante escolhas. Algumas delas, implicam a coragem.

De que coragem falamos hoje quando falamos de coragem?

Da coragem do guerreiro? Da coragem do mártir? Da coragem da participação política? Da coragem de querer saber mais?<sup>5</sup>

Creio que hoje, para exercermos a coragem, todos precisamos de ser guerreiros, precisamos de participar, precisamos de saber mais. Não precisamos de guerras, mas da combatividade do guerreiro. Não precisamos de mártires, mas precisamos da resiliência do mártir.

Combatividade e resiliência para dar o salto que nos traz a liberdade.

A liberdade, é dificilmente definível sem a contextualizar. Liberdade de uns, respeitando a dos outros. Liberdade, mas não de forma incondicional.

<sup>5</sup> Sobre os desafios contemporâneos que se colocam nestas matérias, Skorucak, Thomas (2019). *Courage des Gouvernés*, Michel Foucault et Hannah Arendt. Paris: CNRS Editions.

Liberdade com responsabilidade.

Enfim, mesmo a coragem da liberdade está cheia de amarras. Mas lá voltarei.

Antes disso, quero observar o movimento, a coragem do salto, por oposição ao lugar estático do lírio.

O movimento necessário para saltar, a ação a que corresponde esse movimento é o contrário da imobilidade tóxica do Narciso.

O Narciso, na sua vontade envenenada, não tem de escolher, ou escolheu quedar-se no olhar petrificado sobre si. Acomodou-se no seu imobilismo, ardentemente seduzido por si próprio.

Esta vontade do espelho é uma vontade de morte.

A morte enquanto desaparecimento, anulação negativa. Que outro destino espera quem se destina à imobilidade?

Há muitas formas de morte<sup>6</sup>. Uma delas, é a vontade de morte que se equivale à morte da vontade. Esta morte distingue-se, nomeadamente, da anulação amorosa ao serviço dos outros, ou da superação do desejo através da meditação, duas formas de crescimento, afinal.

Esta morte corresponde a uma renúncia cuja única recompensa é a superficialidade, ou, se se quiser, a superfície do espelho, a superfície da água.

A escolha do salto, corresponde à vontade da viagem, à coragem de olhar à volta. O Narciso não viaja, está permanentemente na casa negativa da ausência. Quem escolhe o movimento corre o risco de contactar o desconhecido, conhecer pessoas e coisas novas, construir dentro de cada

ser humano mapas que se aumentam a cada novo passo, construir nas comunidades geográficas em expansão.

Quando estamos na posição do lírio, estáticos à beira da nascente, olhando os próprios olhos, só extraímos do espelho de água o que já conhecemos. Ora conhecer o que se conhece não produz movimento.

As aprendizagens são formas de movimento, olhares sobre a estranheza, isto é, sobre o novo, uma espécie de saltos luminosos dentro e fora de nós – crescer.

As aprendizagens dos processos criativos, das dinâmicas artísticas, da história de arte, dos artistas contemporâneos e matérias conexas, são modelos específicos da capacidade, da vontade, da escolha, da coragem de saltar.

As artes são matéria prima do engenho humano. São um dos campos de manifestação da diferença específica dos seres humanos face a outros seres no nosso planeta, todos eles nossos irmãos de caminhada.

O que nos distingue são os tipos de operações complexas que somos capazes de pensar e materializar – organizar sistemas políticos, construir satélites artificiais, gerar religiões, desenvolver sistemas de comércio, são alguns exemplos destas capacidades.

Se, de uma forma simplificada, categorizarmos diferentes tipos de operações complexas de que os seres humanos são capazes, podemos dizer que somos animais políticos, económicos, sociais, religiosos, científicos, tecnológicos. Podemos também dizer que somos animais artísticos.

As artes são uma das diferenças específicas da condição humana, dentro desses enquadra-

6 Xavier, Jorge Barreto (2017). *Alexandria*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

mentos que são as várias culturas.

Somos todos animais culturais, porque a política, a economia, a sociedade, a religião, a ciência, a tecnologias, as artes, funcionam sempre no quadro de dado sistema cultural, ou seja, de dado conjunto de valores e convenções que permitem dada comunidade reconhecer-se e reconhecer o que a rodeia.

As artes são uma capacidade humana de gerar novos objetos cuja função é de propor, através de um campo autónomo de criação, diálogos interpretativos, críticos, construtivos, que, a partir das percepções suscitam o envolvimento da nossa inteligência racional e emocional, e geram condições de apreciação estética, e de apreciação geral, sem fronteiras em relação ao todo que é o contexto da sua produção e leitura.

Esta objetificação é um diálogo, que altera e desenvolve o estatuto do sujeito.

As culturas, podem ser estáticas, tal como os lírios, se se basearem, exclusivamente, nos valores patrimoniais existentes e não considerarem importante o estímulo à novidade. Neste tipo de culturas – por natureza, conservadoras – o lugar da criação artística contemporânea e o estímulo a crianças e jovens para aceder a sistemas de aprendizagem das artes é limitado.

Note-se que, neste sentido, tanto são conservadoras as culturas de uma raiz tradicional, como são aquelas que se dizem progressistas mas apesar de muito dizerem pouco fazem.

Volto atrás, para convocar a liberdade.

A liberdade, de certa forma, é, em vários campos, uma liberdade vigiada, nomeadamente, pela necessidade de a articular, no quadro de dada sociedade, com o conceito de justiça, de equili-

brar, a cada momento, os vários interesses em presença.

Há um campo em que a liberdade tem um espaço largo para crescer sobre si própria – o campo das artes.

As expressões artísticas, sejam elas manifestações dos artistas ou lugares de aprendizagem para crianças, jovens e adultos, têm o dom raro de fornecer um território dotado de uma liberdade quase incondicionada.

Não será a liberdade completamente livre que se pode presumir como característica divina, mas uma liberdade tendencialmente infinita.

Os espaços, as oportunidades, da criação artística são espaços para exercer o movimento, para concretizar o salto.

Aqui, as capacidades da vontade, aliadas à construção de aprendizagens, têm à sua frente o maior desafio do exercício da coragem que sempre se coloca a um ser humano – o salto para a página em branco, a colocação de uma voz, de um grito, de um sopro, de um sussurro, de todas as esperanças e amores do mundo, todas as decepções e enganos, de todas as perguntas e revoltas, medos e volúpias, críticas e propostas, representações e linguagens novas... a partir de uma página em branco, fundação do edifício da construção do sujeito.

É uma extraordinária folha em branco, aquela que uma verdadeira democracia nos pode oferecer – a folha em branco das expressões artísticas. Só uma verdadeira democracia proporciona a todos os cidadãos e cidadãs a oportunidade do salto a partir de uma folha em branco.

A oportunidade da construção da folha em branco.

Digo “verdadeira democracia” no sentido de “democracia plena”, ou seja, o regime que, efetivamente, proporciona oportunidades iguais para todos, respeitando as suas diferenças, de forma inclusiva.

Numa sociedade desigual como a nossa, o acesso generalizado à educação artística é um projeto de construção da cidadania e da democracia.

Bem sabemos que, a cada momento, ano após ano, década após década, diferentes governos e governantes, nos dizem que a democracia plena é aquela que eles nos proporcionam. Que não há melhor democracia que “a deles”.

Mas nós sentimos, verdadeiramente, que vivemos a oportunidade do salto livre?

O desafio político da construção do espaço da folha em branco para as expressões artísticas é, ao mesmo tempo, o desafio do empoderamento da cidadania.

Os que trabalhamos nas áreas da educação artística, sabemos os resultados extraordinários de abertura do olhar que estão presentes no ofício de proporcionar a folha em branco.

Imagine-se a alegria que pode representar uma sociedade inteira de olhos abertos, olhando à sua volta, observando e agindo, com capacidade de, face à inércia do espelho, ter a coragem do salto no infinito a desenhar.

A atividade artística, nas suas diversas componentes de fisicalidade e imaterialidade, mais que qualquer outro domínio, é lugar para esta oportunidade.

A atividade artística, ao proporcioná-la, não está separada nem tem muros, sobre a atividade política, económica, religiosa, científica, tecnológi-

ca. Antes pelo contrário. Todos estes domínios são convocados para a folha em branco da criação artística e sobre todos eles há um retorno construído a partir da sua liberdade.

O domínio das artes, numa sociedade democrática, é um contributo decisivo para a formação de cidadãos e cidadãs livres e corajosos. Com a coragem de criar, de não ter medo face ao espaço vazio, de o considerar uma oportunidade, de querer esse desafio, de lutar por ele.

Numa democracia plena, preferimos uma cidadania ativa, onde o movimento se contrapõe ao imobilismo, onde o espaço das artes faz parte do quotidiano das nossas escolas, das nossas famílias, da nossa sociedade.

Artes plásticas, Teatro, Dança, Música, Cinema, Literatura. Artes Aplicadas. Artes analógicas e artes digitais. Artes interdisciplinares, multidisciplinares, transdisciplinares. *Artes site specific, street art, body art.*

No processo de construção democrática através das artes, à coragem de professores, que nas suas salas de aula lutam contra a escassez de meios, o excesso de burocracia e a inconstância organizativa e curricular; à coragem de pais e encarregados de educação em geral, que em casa e na escola, lutam por melhores condições para os seus filhos; à coragem de pedagogos, que constroem argumentos a favor da importância das artes no sistema educativo, junta-se a coragem dos artistas que com a sua presença nos dizem que numa página em branco todos os saltos são possíveis.

Eu sonho com uma democracia plena. Em que todas e todos tenham acesso à criação e à fruição artística.

Sonho com uma sociedade em que todas as partes percebam que as artes não são um mero ornamento para encerrar com música congressos e reuniões, pinturas para pendurar em gabinetes ou aulas de expressões para entreter os meninos e as meninas do pré-escolar.

Sonho com uma folha em branco na qual todas e todos tenhamos a coragem de saltar, libertando o lírio narcísico dentro de nós, para construir, corajosamente, a viagem extraordinária e arriscada da liberdade em democracia.

É um sonho de progressiva abolição das desigualdades entre cidadãos, que, como sabemos, são grandes, por vezes gritantes.

A educação artística para todos, o acesso generalizado à criação e à fruição artística é um motor de democracia, de aproximação das competências pessoais e sociais, independentemente do nível social ou económico, do credo, etnia ou género.

É por isso que esta tem de ser considerada e efetivada como um investimento estratégico e não uma aborrecida despesa com que o Estado tem de contar para *calar* uma minoria – os artistas e os educadores na área das artes.

Nesta nossa sociedade pré-apocalíptica, em que o desafio da sustentabilidade da Natureza anda a par com o desafio da sustentabilidade dos atuais sistemas políticos, económicos e sociais, qual é o lugar para a educação artística?

Eu digo que é um lugar na fileira das prioridades. E assim é, por ser um programa de crescimento pessoal e social com um efeito valioso no curto, no médio e no longo prazo.

Por erro ou por indução no erro, no Ocidente democrático, age-se, geralmente, em consonân-

cia com a ideia de que o património material é mais importante que o património imaterial. Ou antes: reconduz-se a maior parte das expectativas, representações e resultados pessoais e sociais, privados e públicos, à materialidade. O intangível consome-se no tangível. O imaterial é um sub-aspeto do material.

Ao contrário da norma ensinada ao Príncipezinho de Saint-Exupéry, na sociedade contemporânea, o essencial é o *visível* aos olhos<sup>7</sup>.

A educação artística ajuda-nos a afastarmos-nos deste erro.

A prioridade do material não só não é sustentável no tempo que vivemos, como é criadora de um modelo de sociedade que se demonstra, pelos dados da realidade, estar em colapso e prejudicar, gravemente, as gerações futuras.

É por isso que nós, construtores de realidade, através da educação artística, precisamos de contribuir para a construção de novos olhares, de novas observações e ações, a partir do sistema educativo, envolvendo todos os seus protagonistas: estudantes, pais, professores, comunidade.

Na sua tessitura imaterial, nos seus sinais materiais e sensíveis – em páginas de um livro de histórias, na tela de uma pintura, no registo de uma sinfonia ou de um filme, num espetáculo de teatro ou dança – as artes preparam-nos para uma nova resiliência na contemporaneidade e para a construção do mundo que há-de vir.

Com a confiança da capacidade de construir a folha em branco, de a partir dela dar um salto sobre o espaço gravitacional e sobre o espaço entre as estrelas, um salto pequeno como no

<sup>7</sup> Saint-Exupéry, Antoine (2016). *Le Petit Prince*. Paris: Gallimard Jeneusse.

jogo da macaca, ou um salto tão grande que re-desenha os corações: o essencial, é *invisível* aos nossos olhos.

Doce Narciso, liberta-te da tua estática imagem, liberta-te do espelho, move-te agora sobre os teus próprios passos, olha à tua volta, repara como o que está dentro de ti e à volta de ti só espera uma coisa – a coragem da tua vontade de construir novos mundos, a confiança no poder da criação, a sensibilidade de ouvir o silêncio, o amor à criação como prática do quotidiano.

## Referências Bibliográficas

- Lacan, Jacques (1949). *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique*, comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de Julho de 1949. Disponível em: <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/miroir.htm>.
- Ovídio (2007). *Metamorfoses*, Livro III, 405-425. Livros Cotovia.
- Saint-Exupéry, Antoine (2016). *Le Petit Prince*. Paris: Gallimard Jeneusse.
- Skorucak, Thomas (2019). *Courage des Gouvernés, Michel Foucault et Hannah Arendt*. Paris: CNRS Editions.
- Xavier, Jorge Barreto (2016). “O eu nas redes digitais” em *A Cultura na vida de todos os dias*. Porto: Porto Editora.
- Xavier, Jorge Barreto (2017). *Alexandria*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

